

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Artes

Licenciatura em Artes Visuais

Johny Felipe Pimentel Vieira

O “click” inconsciente

Reflexões sobre o ensino da fotografia a partir de uma experiência pessoal
de estágio

Porto Alegre

2014

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Visuais

Banca examinadora:

Profº Dr. Eduardo Vieira da Cunha – Orientador

Profº Dr. Luiz Eduardo Robinson Achutti – Examinador

Profª Drª. Sandra Rey – Examinadora

Sumário:

Introdução – 4

Breve Reflexão – 7

A experiência do estágio – 9

A cianotipia – 21

Conclusão – 37

Referências bibliográficas – 39

Anexo – 41

Introdução

Uma nova geração

Que o Facebook, Instagram, Whatsapp e tantas outras mídias sociais são bem conhecidas, desta atual geração, de adolescentes em idade escolar, não é novidade para ninguém. Eles permanecem com seus celulares em mãos o tempo todo, sempre trocando mensagens, recebendo informações dos artistas favoritos, assistindo a vídeos e fofocas. Em meio a tudo isso, eles recebem uma enxurrada de imagens que, há poucas décadas, seria absolutamente inimaginável. Quando indagados se gostam de fotografia, todos eles prontamente respondem que sim. Muitos deles têm, em seu círculo de amizades, alguns fotógrafos. Alguns até mesmo dentro da própria família, mas o que poucos conhecem é a história por trás das imagens.

Nomes como Daguerre, Niépce e Bresson são absolutamente desconhecidos entre eles. Sem estes e tantos outros, provavelmente não teríamos a fotografia com tal grau de desenvolvimento. É possível até mesmo imaginar um mundo com muito menos imagens do que hoje. Contudo, qual a utilidade prática de se chegar em sala de aula e ensinar às crianças e adolescentes algo sobre história da fotografia? O grande trunfo disso é que todos eles – e por que não dizer nós adultos – estão imersos em um universo de imagens, em especial, as fotográficas. Estas, por consequência, são capazes de alterar profundamente a percepção do ser humano sobre o mundo, pois o que muitas vezes passa despercebido pelos olhos é, pela lente de uma câmera, registrado com a vantagem de poder sempre rever a imagem captada. Acontece que nem sempre produzir uma imagem fotográfica foi uma tarefa fácil. Não é preciso ir muito longe. Há pouco mais de quinze anos atrás, quando a fotografia digital ainda não havia alcançado o sucesso de nossos dias e, ainda havia quem utilizasse as câmeras analógicas. Para que um cidadão comum pudesse produzir uma imagem fotográfica, no mínimo, ele deveria saber qual tipo de filme seria o mais adequado. Nem que essa informação fosse obtida na própria loja. Além disso, demorava certo tempo entre a captura da imagem e sua apreciação. Sempre havia aquelas velhas dúvidas: Será que ficou boa? Será que o filme vai “queimar”? Será que saí bem? Só depois de certo tempo de espera é que se via o resultado desse processo que, caso não fosse satisfatório, não poderia ser imediatamente repetido. Era o chamado tempo de “latência” da imagem, ou seja, um período de espera para que se

chegue a determinado resultado, algo que praticamente não existe nos dias de hoje.

Não precisei remontar ao século XIX para demonstrar quão diferente era o processo fotográfico. Agora, imagine a reação de uma criança ou adolescente que jamais vivenciou isso, ao saber que o processo fotográfico já foi muito mais complicado. Em minha experiência como professor de artes, durante o estágio, sob a orientação da professora Dorcas Weber, na Escola Estadual Olintho de Oliveira, na Cidade Baixa, em Porto Alegre, vi semblantes de espanto. Como se quisessem dizer: “Eu não consigo acreditar nisso!” Mas por qual motivo acontece tal reação entre eles? Observando-os, é fácil perceber o quanto estão imersos em um mundo de imediatismo, onde tudo tem que acontecer já, em um piscar de olhos. Onde poucos segundos de espera para assistir a um vídeo parece uma eternidade. Curiosamente, esse fenômeno acontece também conosco, pois já estamos plenamente adaptados a um mundo de rápidas transformações. Contudo, a geração atual não precisa se adaptar. Afinal, mudanças rápidas fazem parte de seu cotidiano. Não é de se estranhar os olhares de dúvida e testas franzidas quando o termo “analógico” é lançado. Isso simplesmente não existe para eles. Por isso, para que possam ter uma compreensão mais sólida da história da fotografia, suas transformações e implicações no universo da arte, se deve ir com calma. Lançar conceitos aos poucos, justamente para quebrar essa barreira invisível que os coloca à parte da história da fotografia. Quando, na verdade, não estão. Afinal, todos nós fazemos parte do mesmo universo visual sem perceber, pois pode não parecer, mas há muita coisa em comum com a foto de um adolescente tirada à frente de um espelho e que em segundos é postada no Facebook, em relação às primeiras experiências químicas que permitiam uma imagem ser fixada em um papel.

Certamente a tecnologia mudou e avançou muito, todavia, o desejo de produzir imagens permanece. No que diz respeito a produção, os usos e funções mudaram. Afinal, antes, a fotografia era algo muito mais do universo íntimo e exclusivo, por conta de fins que não iam muito além de registros pessoais. Conforme o tempo foi passando, as técnicas de reprodução evoluíram e foram parar nas mãos de artistas, cientistas, jornalistas, publicitários e uma infinidade de outros profissionais. Com a chegada das primeiras câmeras portáteis, houve um incremento na produção e um maior número de imagens passou a circular. Mas nada se compare ao advento da fotografia digital, associada à internet e às redes sociais. Quando isso se tornou possível as mudanças

foram muito além dos usos e funções, pois atingiram em cheio aqueles que ainda não haviam sido alcançados: o público comum. De ateliês cheios de parafernalia de meados do século XIX, às mãos de qualquer pessoa nos dias de hoje.

Sem dúvida, a fotografia é uma das descobertas mais bem sucedidas de toda a história da humanidade. Mas o que pode ser observado nos dias de hoje é um total desconhecimento quanto ao ato fotográfico. Aqui é que entra o meu papel como educador e pesquisador. Vi a necessidade, nesse projeto, de guiar nossas crianças e adolescentes à compreensão daquilo que faz parte do dia a dia deles. Que é fruto de um trabalho evolutivo e possui uma história, para a qual, nem sempre é dado o devido valor.

Foram com essas reflexões que entrei em sala de aula para as primeiras experiências práticas como educador. Tendo-os já observado, conhecia previamente o comportamento dos alunos. Assim, me sentia um pouco mais preparado para exercer a função de propor atividades. Ainda que fosse por um curto espaço de tempo (cerca de dez semanas), estar à frente de uma turma não é tarefa fácil, principalmente quando os alunos começam a ficar agitados e o tom de voz é levado ao limite, não sendo em alguns momentos o suficiente para manter a ordem. Além disso, pesa sobre os ombros do educador uma responsabilidade muito grande, que é a de levar aos alunos um conteúdo que, de fato seja relevante, e que não fique necessariamente preso às paredes da escola.

O objetivo principal, traçado para o planejamento destas aulas, foi mostrar aos alunos como a fotografia surgiu e como os primeiros pesquisadores superaram as suas dificuldades em fixar uma imagem, acertar o tempo de exposição, utilizar os químicos corretos, entre outras coisas, mostrando a evolução da fotografia ao longo do tempo até chegar aos dias de hoje. Além de tratar do fenômeno de massificação das imagens, e de como elas afetam a nossa percepção do mundo. Mas é claro, entre uma aula e outra, a utilização da fotografia enquanto ferramenta artística, também vem à tona. Todas essas questões foram tratadas em maior ou menor grau conforme as aulas passavam, pois era preciso adaptar-me ao ritmo de cada turma e aluno. Os mais jovens eram de uma turma do 6º ano e os demais de duas turmas de 8ª série.

Breve reflexão

“Tudo aquilo que é capturado em um certo tempo, em um certo momento, com certas pessoas. A fotografia para mim é arte!”

Clara, aluna do sexto ano.

*“De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório.”*¹

Henry Cartier-Bresson, fotógrafo da agência Magnum.

É de conhecimento geral que, a história da arte, é composta de vários períodos distintos, situados em lugares no espaço e no tempo, cada qual com suas características peculiares. Contudo, pelo menos uma coisa existe em comum em todas as culturas onde se desenvolveu algum tipo de expressão artística: o anseio pela representação.

Seja em suas formas mais remotas, como nas paredes das cavernas, passando por toda a antiguidade clássica, Renascimento e Modernidade, do Ocidente ao Oriente. Esse foi o elo que, em linhas gerais, unia a arte. Leonardo da Vinci, um dos maiores gênios da humanidade, já conhecia os efeitos ópticos da câmara escura. Há historiadores, que afirmam que experiências semelhantes já eram conhecidas por Aristóteles. Acontece que, até meados do século XIX, ninguém havia conseguido fixar as imagens projetadas na câmara escura. Porém, essa curiosidade já anunciava que algo completamente novo poderia surgir. Realmente, quando Niépce e Daguerre alcançaram o feito, ao mesmo tempo em que outros pesquisadores independentes conseguiram ao redor do mundo, a história da arte sofreu um abalo sem precedentes. Aos poucos, pincéis, tintas e cavaletes foram sendo substituídos por câmeras, tripés e sais de prata.

A fotografia foi revolucionária por dois motivos principais: primeiro, ela assumiu o papel de originalidade que envolvia as obras já consagradas da pintura, quando passou a fazer circular massivamente imagens de obras que antes só poderiam ser vistas em determinados espaços. Já não era preciso ir ao Louvre para se conhecer a Monalisa. Segundo, porque a fotografia, depois de algumas décadas de aperfeiçoamento técnico, já

¹ Referência exata não encontrada. Contudo, pode-se inferir tal conceito a partir da obra “The decisive moment” escrita pelo próprio autor.

era capaz de captar o aqui e o agora, o instante no momento em que ele acontece, algo que não era possível com a pintura, que tem um longo tempo de execução. Contudo, além de trazer a representação a outro partamar ela o fazia com uma qualidade incomparável quanto a fidelidade. Não demorou muito para que o papel da pintura começasse a ser repensado, fazendo com que tal reflexão se estendesse a todas as formas de expressão artística. Por que pintar determinado tema, a fim de alcançar realismo e perfeição, se a fotografia, nesse aspecto, era mais rápida e eficiente? Diante disso, diz-se que, que a história da arte pode ser dividida em antes e depois da invenção da fotografia.

Devido a tantas controvérsias, e principalmente por ser um meio tecnológico, a fotografia foi duramente questionada quanto ao seu valor enquanto expressão artística. Teria ela autonomia, ou deveria ser apenas mais uma serva às outras artes? Tanto uma resposta quanto a outra foram consideradas válidas. No decorrer do tempo a fotografia evoluiu e amadureceu, ganhando espaço em galerias de arte ao redor do mundo. Além dos artistas, foi parar nas mãos dos mais diversos profissionais. Publicitários, policiais, jornalistas e cientistas, todos fazendo largo uso da invenção. Contudo ela também serviu de ferramenta de apoio a alguns artistas no início do século XIX.

Mas ora, o que fez a fotografia der tão plural e onipresente? Elenco aqui quatro fatores: evolução dos equipamentos, facilidade de execução, relação custo-benefício e meios de comunicação acessíveis. O primeiro influencia diretamente a produção, uma vez que, com materiais mais leves e cada vez mais portáteis, produzir uma imagem vem tornando-se uma tarefa cada vez mais versátil. O segundo ocorre em decorrência deste, pois uma vez que equipamentos se tornam mais práticos, a facilidade no seu manuseio torna-se natural. Estes dois pontos tornam a relação custo-benefício muito mais atrativa, pois equipamentos fáceis de usar, sofisticados, porém baratos podem fazer qualquer um tornar-se um fotógrafo em potencial. O quarto ponto, no entanto, não está diretamente ligado à evolução da fotografia. Mas é nos dias de hoje um dos responsáveis pela enxurrada de imagens que nos cerca. Quem, hoje em dia, tendo fácil acesso à internet, nunca utilizou o acesso à redes sociais para postar imagens? É bom lembrar que tudo isso também é fruto do desenvolvimento do capitalismo, que proporcionou o acesso à população de baixa renda, fazendo com que possuir uma imagem, por exemplo, deixasse de ser um privilégio para poucos e alcançasse a todas as camadas da sociedade.

O cenário da fotografia é hoje algo completamente diferente do que se poderia imaginar a décadas atrás. Hoje está a disposição de absolutamente qualquer um, tornando-se um meio de expressão plural, onde o registro de uma cena ou um retrato de um familiar torna-se apenas mais um de seus usos e costumes. Principalmente entre os adolescentes, ela torna-se um instrumento de autoafirmação, onde a busca, através da imagem, mostra questões de status ou de idealização influenciados pela mídia. Com isso, a fotografia transforma-se em um porto seguro para aqueles que não dispõem de outros meios de expressão. Esse é o grande trunfo da fotografia nos dias de hoje. Mas, ao mesmo tempo, é sua principal armadilha. Pois aliada a popularidade, veio a efemeridade e a descartabilidade. Ela ainda fixa o instante preciso e transitório, como afirmava Bresson, mas já não se pode dizer que é para sempre. Principalmente quando se leva em conta a fotografia digital. A partir do momento em que a fotografia deixou de ser algo tátil, ela se tornou cada vez mais banal, fenômeno muito influenciado pelas redes sociais, cujo número de imagens postadas diariamente chega a ser astronômico. Se, por um lado, o “instante preciso e decisivo” deixava suas marcas à eternidade, tinha, por outro, um alcance público muitíssimo menor e em um espaço de tempo proporcionalmente maior. Contudo, tal situação se reverteu, e apesar disso, a essência da fotografia permanece, não no sentido de “escrita com luz” como a raiz da palavra sugere, pois isso de fato mudou. No fundo, o que leva as pessoas a fotografarem ainda são os mesmos desejos que havia no início da história, ainda que a maioria não tenha consciência disso. Embora haja uma discrepância em relação ao equipamento e conhecimentos técnicos, uma criança com um celular na mão e um fotógrafo profissional com uma Leica tem muito mais em comum como produtor de imagem do que se imagina. Entretanto, as imagens táteis ainda possuem aura, aquelas que, obtidas por um profissional, por ele editadas e/ou copiadas e ampliadas, possuem mais status em relação às amadoras. O valor háptico das imagens ainda é alto frente à proliferação das imagens sem corpo no mundo da arte.

A experiência do estágio

Quando se está diante de uma turma de alunos, cuja faixa etária varia dos 11 aos 16 anos, propor a discussão de um tema como a fotografia é um grande desafio. Em primeiro lugar, devido ao fato dessa linguagem fazer parte do dia a dia dessas crianças e adolescentes quase que inconscientemente. Em segundo lugar, por ser algo que eles não estão habituados a estudar na disciplina de artes. Quando iniciei o estágio, esses eram os problemas que já imaginara e que há algum tempo pensava em contornar. Afinal, como demonstrar a importância do ato fotográfico, isto é, mostrar que ele não se resume a um simples “*click*”, em indivíduos tão imersos na tecnologia? Com isso em mente, procurei começar o trabalho do ponto mais elementar possível, a óptica, mostrando antes de tudo como a imagem é formada no olho humano. Curiosamente, a reação das turmas foi bem diferente: enquanto que em uma, com alunos de faixa etária um pouco menor, houve uma interação muito maior, com os outros, a recepção do conteúdo foi bem diferente. Em ambos os casos o estranhamento era visível no rosto e nos comentários. Quem deles poderia imaginar que a óptica poderia fazer parte de uma aula de artes?

Contudo, para que minhas palavras não ficassem vazias, e na mente deles se tornasse um conceito nebuloso, preparei de antemão um instrumento que simulava a antiga câmara obscura, bem como o mecanismo e princípio de funcionamento da formação da imagem no olho humano. Tal objeto consistia em uma caixa vedada, sendo que uma das partes era retrátil com uma lente à frente, e a outra, possuía uma parede feita com papel vegetal, tornando, assim, possível a visualização da imagem projetada, bem como, a alteração do foco. Inicialmente a ideia era a de trabalhar com uma simples lupa. Contudo, não possuía uma. Para contornar isso, usei uma lente manual de câmera fotográfica, assim resolvia dois problemas: mostrar como acontece a formação da imagem na retina e como funcionava a câmara obscura, tal qual o aparato do século XVI utilizado por Leonardo da Vinci. Os olhares eram curiosos, e tudo aquilo parecia diferente demais e bastante atípico para uma aula de artes. Mas foi o suficiente para começar uma reflexão a respeito das imagens. Afinal, ali ela foi tratada em sua forma mais elementar.



Imagem 1 – Protótipo de câmara escura – Frente;



Imagem 2 – Parte de trás;

A reação dos alunos menores, com a câmara obscura, foi bastante espontânea, marcada por grande curiosidade, de alguma forma todos puderam compreender o princípio básico por trás das fotografias feitas com suas câmeras e celulares.

Para introduzi-los à fotografia de uma maneira mais consciente, mostrei que ela abarca muito mais elementos do que eles imaginavam. No entanto, ao trazer este experimento, fui um pouco além, mostrando também as primeiras imagens obtidas pelos primeiros processos fotográficos, o que juntamente com a câmera obscura pode solidificar o conceito básico de imagem fotográfica. Com as turmas da oitava série a reação foi um pouco mais apática, se comparada a dos alunos mais novos. Todavia, a curiosidade era visível.

Além dessa experiência, em uma primeira aula eu não poderia deixar de falar dos primeiros fotógrafos e de suas experiências mais rudimentares, sempre ilustrando as falas com imagens. Assim poderiam ter uma pequena noção do quão trabalhoso era fazer uma foto. Contudo, um ponto interessante, foi quebrar a ideia de que essas imagens mais antigas eram ruins e de baixa riqueza de detalhes, em relação às imagens instantâneas e com resolução cada vez maior em seus celulares. Mesmo assim eles ficaram impressionados com a nitidez e a perfeição que um daguereótipo poderia alcançar. Pela raridade de um desses exemplares e pela dificuldade em produzir um, não pude mostrá-lo, porém, ao adentrar nessas questões mais históricas, pude perceber que os alunos passaram a se questionar mais e, assim, através das dúvidas que iam surgindo, pude elucidar alguns princípios elementares da fotografia. A primeira foi: Qual o elemento fundamental para obter uma imagem fotográfica? Diante dessa pergunta, muito, prontamente, respondiam: “Uma câmera!” Essa resposta não deixa de ser verdadeira, mas ainda havia algo a mais a ser respondido. Imersos em tanta tecnologia, interagindo o tempo todo com tantos meios eletrônicos, se não fosse um aluno ao fundo responder “a luz”, a dúvida provavelmente permaneceria.

A partir daí, pude explorar um pouco mais a raiz etimológica da palavra “fotografia” (do grego: foto – luz; grafia – escrita), a escrita com a luz. E, partindo desse pressuposto, não cheguei necessariamente a lançar um debate aprofundado com os alunos. Entretanto, é uma questão que pode levar a uma reflexão um pouco mais abrangente, pois levando em consideração a raiz da palavra, é possível afirmar que exista “fotografia” nos dias de hoje? Não há mais o elemento tátil na fotografia, ao contrário do que acontecia na era analógica, isto é, a necessidade de uma superfície fotosensível que recebe determinada quantidade de luz durante um determinado intervalo de tempo, fixando, assim, uma imagem em sais de prata.

Por ser um fenômeno essencialmente virtual, a fotografia hoje perdeu essa essência. Apesar de haver tantas imagens circulando em revistas, jornais e *outdoors*, a fotografia hoje circula, majoritariamente, por meios eletrônicos. De alguma maneira, o princípio básico permanece. Contudo, mesmo sendo um elemento fotosensível, não existe no sensor de uma câmera fotográfica o registro (a “grafia”) propriamente dito, ao contrário do que acontecia em um rolo de filme e, sim, a conversão de luz em *megabits* que podem desaparecer na mesma velocidade do *click* que a capturou. Isso, sem dúvida, pode ser apontado como um dos elementos chave para explicar a banalização da imagem fotográfica, pois sem o elemento tátil ela perde sua aura de exclusividade.

A estranheza que as crianças e adolescentes sentem hoje, quando confrontados com a fotografia analógica, vem, principalmente, pela impossibilidade de ver a imagem no momento de sua captura. É realmente muito difícil para eles dissociar instantaneidade de fotografia, afinal, eles já nasceram em mundo onde isso já acontecia.

Passada a experiência com a câmera obscura, foi preciso ir um pouco mais além. Para tanto, continuei a tratar de questões mais relacionadas a história, sempre comparando a fotografia feita no passado com a feita atualmente. Assim, os alunos puderam observar as mudanças a assimilar, e ainda que sem grande profundidade, o conteúdo tratado. Porém nenhum objeto de estudo é compreendido com clareza se não houver uma prática que o consolide. Antes mesmo de entrar em sala de aula, levando em consideração a idade dos alunos, já esperava que conhecessem pouco ou quase nada a respeito da fotografia analógica. Mas a confirmação veio somente quando levei, a sala de aula, uma bobina de filme fotográfico. Nas turmas de oitava série ainda havia um ou outro que reconheciam o objeto, porém, nem todos do sexto ano reconheceram o que era aquilo. Alguns até mesmo ficaram surpresos em saber que era através daquilo, e de câmeras sem qualquer circuito eletrônico, que se faziam fotografias, até bem pouco tempo atrás. A partir daí, uma discussão foi levantada: “Como era possível fotografar sem ver de imediato a imagem captada?”



Imagem 3 – Imagem produzida por alunos, a partir de uma câmera digital o visor ocultado;

O simples surgimento de tal questão mostra que, na fotografia analógica, havia algo de misterioso, um procedimento que dependendo do nível de conhecimento técnico de quem fosse fotografar poderia fugir ao controle. Revelar uma imagem era quase uma mágica. Então surge a fotografia digital e tudo isso desaparece. Ora, se a ideia é fazê-los refletir com mais profundidade sobre a fotografia, como poderiam ficar sem experimentar essas sensações que só a fotografia analógica traz? Naquele momento era absolutamente inviável montar qualquer tipo de infraestrutura para trabalhar com a revelação e, os demais processos, que acompanham a fotografia analógica. Contudo, vi que havia a necessidade de fazerem tal experimento. Foi aí que esbarrei em um problema pontual: não dispunha nem de infraestrutura, muito menos de equipamento, a solução foi apelar ao improviso. Como o visor de minha câmera é retrátil, posso, a qualquer momento, ajustá-lo para que não seja possível ver, imediatamente, as imagens obtidas e, assim o fiz. Após encerrar o momento teórico, levei-os para fora e ajustei o visor da câmera para fazer a experiência. Com a câmera cega, eles fizeram uma série de imagens

sem que pudessem acompanhá-las. Em alguns alunos, isto gerou certa agonia, pois embora o equipamento fosse completamente digital eles não estavam acostumados a não visualizar a imagem no momento da obtenção.



Imagem 4 – Ibidem;

Esse estranhamento foi fundamental para que eles pudessem ter uma pequena noção de como funcionava a câmera analógica, ao menos em seu lado de latência da imagem. Alguns deles não sabiam como se portar diante daquela situação e, esperavam, ansiosamente, para verem as imagens. Depois que todos participaram levei-os, novamente, para a sala de aula para verem o resultado, que com o auxílio de um projetor pudesse ser visto por todos. A cada imagem “revelada” surgiam novos sorrisos e gargalhadas. Dos maiores aos menores, todos ficaram encantados e surpresos ao verem as imagens.

Quando lhes foi tirado o elemento “instantâneo” da fotografia, pude perceber que,

em determinados momentos, eles ficavam confusos e desorientados. Foi como se lhes fora tirado um poder. A tecnologia os fez dependentes disso. É um paradoxo, pois a mesma tecnologia que trouxe a liberdade para que o indivíduo comum pudesse ver, instantaneamente, a imagem obtida e poder fazer quantas lhe parecesse melhor, sem a preocupação com o limite de trinta e seis poses de uma bobina, prendeu-os a um desejo de imediatismo temporal.



Imagem 5 – Ibidem;

Diante de tal conclusão é que se nota o quanto a tecnologia afeta não só a nossa relação com o mundo, como também a relação com nós mesmos. Quantos daqueles alunos compreenderiam os fundamentos básicos da fotografia se não lhes fossem mostrados através de uma experiência? Afinal de contas, a geração que nasceu a partir do final da década de 90 e início dos anos 2000 foi uma geração de ruptura com a

geração nascida entre meados da década de 80 e início da de 90. Na primeira (80/90) quem utilizava a imagem começou a trabalhar com as máquinas fotográficas analógicas e, aos poucos, fizeram a transição para o formato digital. Tal transição não ocorreu na geração seguinte já nascida em pleno domínio digital.

Algo que os alunos não esperavam, era que a fotografia também pudesse ser regida por algumas regras básicas de equilíbrio e composição. Nesse ponto, eu já estava ao fim da segunda semana de estágio e iniciava a terceira. Ao observar os alunos com mais atenção pude perceber que de alguma forma eles já possuíam noções rasas acerca de composição aplicada ao desenho, mas, a princípio, não imaginavam que poderiam aplicá-las à fotografia. Considerando as faixas etárias dos alunos, tive que realizar algumas alterações em meu plano de ensino, pois nem todos se comportavam da mesma maneira e, a princípio, a parte teórica seria de fundamental importância para que pudessem compreender a prática. A primeira dificuldade encontrada para alcançar esse objetivo, estava no próprio comportamento dos alunos, que veio a atrapalhar um pouco no começo, mas que foi contornada. O que fiz foi basicamente demonstrar a aplicação da regra dos terços e como, através dela, uma imagem poderia ganhar equilíbrio.

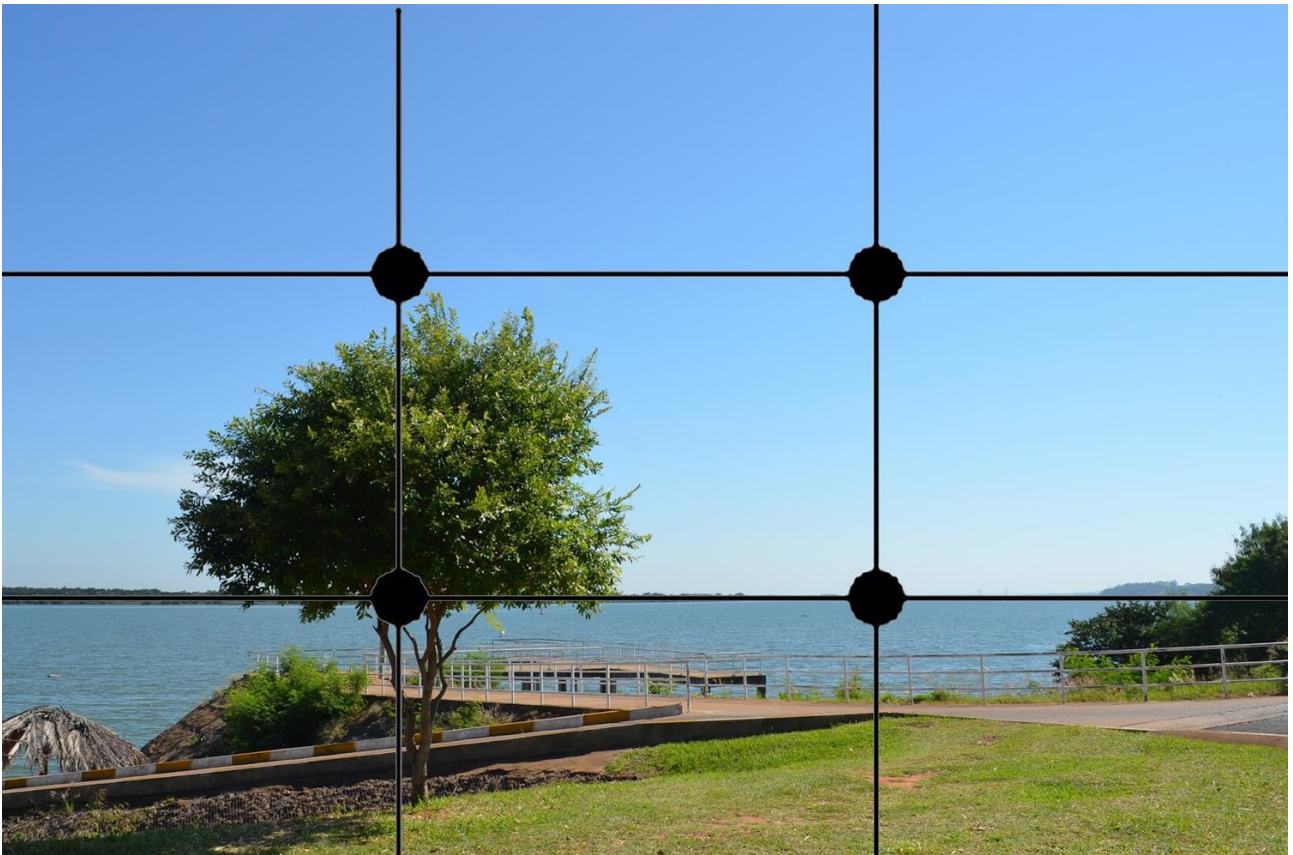


Imagem 6² - Demonstração clássica do funcionamento da regra dos terços;

Para isso, usei como exemplo não só imagens fotográficas, mas de pinturas e ilustrações de comunicação de massa (personagens de desenhos animados, videogames e histórias em quadrinhos). Procurei deixar bem claro que as regras básicas de equilíbrio e composição não só vão além da fotografia como, também, são anteriores a ela, remontando ao século XVIII.

² Fonte: < <http://coisasdefotografias.blogspot.com.br/2013/08/regra-dos-tercos.html> > Último acesso: 22/11/14 às 15:49

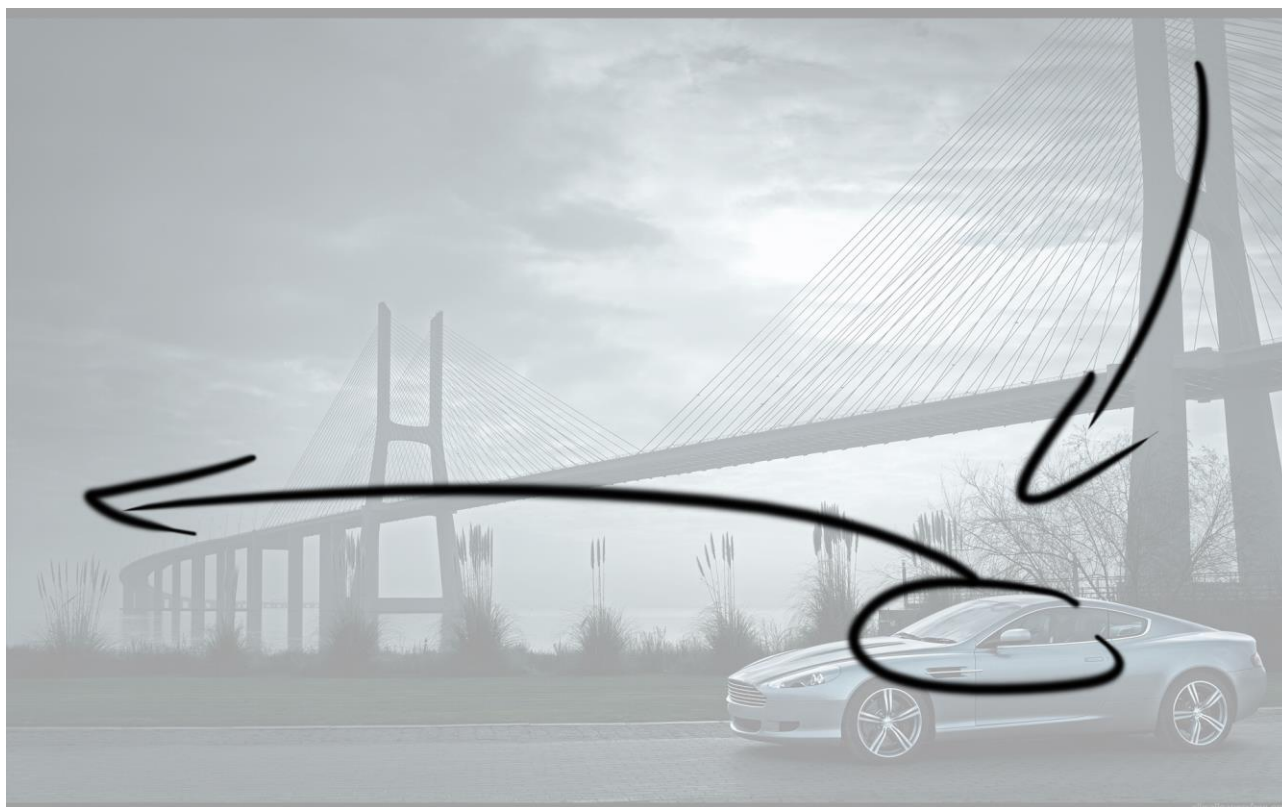


Imagem 7³ - Exemplo apresentado em aula para demonstrar como o olhar pode ser guiado;

O ponto alto da aula aconteceu durante a atividade prática, em especial com os alunos da oitava série. Com base no que eles haviam visto na sala de aula eles deveriam produzir algumas imagens com suas câmeras de seus celulares. Isto funcionou muito bem e contou com a intensa participação de todos. Mas devido ao volume de trabalhos e ao tempo limitado não havia como avaliar tudo naquele momento, a solução encontrada foi organizar grupos no Facebook. Assim eu poderia ver com mais calma o que eles fizeram em aula e dar o meu parecer. Para minha surpresa, os trabalhos foram muito além da sala de aula, e alguns alunos não se contentaram em mostrar apenas o que haviam feito durante o período normal, mas também trouxeram outras imagens que fizeram após aquela aula, demonstrando, assim, que o conteúdo exposto até então, história e composição fotográfica, foi o suficiente para que eles lançassem sobre a fotografia um olhar diferente. O mais interessante foi que em nenhum momento pedi para

³ Fonte: <<http://cdn.desktopwallpapers4.me/wallpapers/cars/1920x1200/3/26026-aston-martin-db9-1920x1200-car-wallpaper.jpg>>
Último acesso: 22/11/14 às 15:43

que eles fizessem algum trabalho extra-classe. Mas o fizeram mesmo assim e até postaram no grupo para que eu pudesse dar algum parecer. No fim das contas, a decisão de utilizar o Facebook como ferramenta de apoio mostrou-se eficiente, pois é algo que pertence ao seu universo, e esta utilização foi nada menos do que um direcionamento produtivo de um meio que originalmente não possui este fim.

Provavelmente, nem mesmo os próprios alunos imaginariam que o uso do Facebook iria funcionar tão bem. Fiquei surpreendido ao ver o empenho em realizar as tarefas e, mais do que isso, a interação que foi construída a partir desta ferramenta, indo muito além dos limites virtuais. Era muito comum os alunos virem até mim e começarem uma discussão a partir de comentários feitos na rede. Isso, de alguma forma, deixava o ambiente em sala de aula mais informal e incentivava a participação dos alunos. No entanto, o uso da rede social não serviu apenas para uma atividade específica. Foi antes de tudo um canal de troca de ideias, onde os alunos expuseram suas dúvidas para que eu as pudesse responder, e um espaço que também serviu de apoio para outras atividades que dependiam de mais tempo do que o reservado ao período de aula. Esse último elemento foi uma das formas que encontrei para “burlar” essa limitação, pois foi natural empolgar-se com a aula, conversar com os alunos e, com todo o envolvimento, sem dar conta que o tempo não era suficiente. A princípio isso poderia ser visto como uma falha, afinal, é dever do professor ajustar o conteúdo ao tempo disponibilizado para a aula. Mas e se esse tempo realmente não for o suficiente, será que os professores de outras disciplinas tidas como “mais importantes” iriam ceder espaço? No caso das artes, o contrário já acontece e é visto como a coisa mais normal do mundo.

O uso das redes sociais tornou-se, nos últimos anos, muito comum entre pessoas de todas as idades, e essa utilização cresce cada vez mais dia após dia, mas é entre os adolescentes que elas ocupam um lugar especial. Obviamente quando a utilizam não estão pensando em qualquer utilidade pedagógica. Trata-se de mero entretenimento, que, no fundo, é aquilo que eles mais buscam. Tirar o dever de casa do caderno e colocar no Facebook pode se tornar interessante. Percebi, ao menos em minha experiência como estagiário, que quanto mais informal uma atividade for, mais participação e envolvimento ela obterá, porque não carregará o peso do dever. Como ferramenta utilizada no ensino da fotografia, as redes sociais, caem como uma luva, não só pelas facilidades já citadas, mas por estarem impregnadas na vida dos adolescentes, bem como por levantar debates

acerca da massiva circulação de imagens pela rede. Essa última questão sempre foi presente enquanto trabalhava com os alunos, embora nunca a tenha trazido de uma forma explícita. Pelo contrário, a trouxe nas entrelinhas, lançando perguntas, fazendo-os pensar sobre aquilo fazem todos os dias, mas que raramente se dão conta.

A cianotipia

Palavras não são suficientes se o objetivo é fazê-los refletir sobre o processo. Portanto, de antemão, os preparei para uma atividade que não conheciam: a cianotipia, processo de impressão fotográfica de baixo custo descoberto no século XIX pelo cientista inglês Sir John Herschel, que, além de ser usada na fotografia, era também utilizada na reprodução de desenhos e diagramas. Ela estava prevista já para a segunda aula, mas por não ter os materiais necessários na ocasião, houve a necessidade de adiá-la, o que acabou sendo bom, pois pude mostrar como era o procedimento, quais os materiais necessários e como tudo funcionava. Porém mesmo com todos os avisos, houve quem não trouxesse o material, o que em um primeiro momento comprometeu, parcialmente, a experiência, pois foi preciso improvisar com o que eles tinham, principalmente em relação ao papel. Mas a primeira experiência funcionou bem.

Para uma geração acostumada com a fotografia digital, que pode ser vista instantaneamente, sem margem para grandes falhas, a cianotipia, em um primeiro momento foi um choque. Com exceção dos negativos que foram impressos usando como base arquivos digitais, era tudo muito manual, e exótico demais para o que eles estavam acostumados. Em primeiro lugar eles deveriam dispor de papéis e negativos; em segundo, deveriam estar dispostos a esperar alguns minutos para ver as imagens; em terceiro, as imagens deveriam ser reveladas; em quarto, as condições climáticas poderiam favorecer ou desfavorecer seriamente a experiência. Depender do clima para produzir uma imagem não era para eles muito comum.



Imagem 9 – testes feitos em casa com negativos de alguns dos alunos;



Imagem 10 – Ibidem:

Depois de alguns dias, estava tudo preparado para a realização da experiência, e os materiais estavam à mão e os alunos com muita vontade de trabalhar, curiosos para saber no que consistia aquela experiência que, até então, eles haviam visto somente por fotos. Porém, infelizmente, o clima não favoreceu. A chuva que caía naquela manhã acabava com qualquer possibilidade de realizar a atividade. A caminho da escola, a única

coisa que pensava era como dizer a eles que não seria possível fazer a atividade prevista para aquele dia. Quando cheguei em sala de aula (nesse dia estava responsável pelo sexto ano) e expliquei a situação, todos eles ficaram desiludidos, tamanha era a expectativa que criaram. Para contornar a situação, improvisei uma aula em que tratei de enquadramento e posicionamento, e como estes elementos podem passar ideias diferentes, partindo de um mesmo assunto. A intenção foi boa, mas não era aquilo que esperavam. Eles queriam pôr a “mão na massa”, ver a mágica da fotografia acontecer. Isso só foi possível no dia seguinte, pois mesmo com o tempo densamente nublado não houve grandes complicações para a realização, com a exceção do esquecimento de material por parte dos alunos. Como a maioria não trouxe um papel apropriado, muitos tiveram que usar folhas emprestadas de quem havia trazido, ou mesmo as folhas comuns do caderno de desenho, que não eram as mais apropriadas, mas funcionaram em um primeiro momento.



Imagem 11 – Primeiras experiências com a oitava série;

A empolgação foi tanta que eles pediram que a atividade fosse repetida nas próximas aulas. Com os alunos da oitava série houve um pouco mais de sorte, pois mesmo com o dia permanecendo nublado, a atividade foi levada ao cabo sem grandes

problemas. A reação dos alunos é que foi um pouco diferente, pois alguns deles estavam realmente indiferentes, mas outros muito curiosos. Afinal, é normal pensar em uma transição do analógico para o digital, e trilhar esse caminho pressupõe uma evolução. Mas ir na direção contrária, e apresentar uma técnica tão antiga, foi o suficiente para que eles soubessem que a fotografia ia muito além daquilo que estavam acostumados, que os filtros do Instagram nada mais são do que imitações de técnicas antigas, cujos resultados são obtidos através de processos manuais; como aqueles que haviam acabado de trabalhar.



Imagem 12 – Ibidem;



Imagem 13 – Exemplo de um trabalho feito com e sem o papel adequado;

Fazer os alunos descobrirem a origem de um determinado objeto de estudo pode ser extremamente eficaz quando o objetivo é fazê-los pensar sobre o processo. Foi o que alcancei. Por isso minha insistência em enfatizar a história da fotografia e, assim, mostrar que a foto vai muito além do *click*. Essa experiência fascinou os alunos e demais pessoas na escola, principalmente a direção, pois até então não houvera estagiário que trabalhasse aquela técnica com os alunos. Houve outros que também abordaram a fotografia, pelo que a professora responsável comentou, mas ao que entendi foi bem diferente do que estava propondo.



Imagem 14 – Alunos da oitava série após a experiência

Como era preciso ir até o pátio da escola para que a experiência fosse realizada, muitos alunos de outras turmas também acabavam tendo contato com os trabalhos. Alguns, até mesmo, escaparam das vistas do professor de Educação Física, curiosos para saber o que eram aquelas imagens azul claro, e como a experiência funcionava. Um deles inclusive perguntou se eu iria dar aula para a turma deles ano que vem, mas ficou decepcionado quando soube que eu estava ali apenas como estagiário.



Imagem 15 – Trabalho de uma das alunas que resolveu ficar um tempo a mais;

Por mais que muita coisa tenha mudado desde que a fotografia surgiu, e quando penso sobre isso não me refiro apenas aos equipamentos e técnicas, mas, principalmente, a visão que a sociedade em geral teve sobre a fotografia, como a ideia de que a fotografia “capturava a alma das pessoas”. Parece uma grande tolice afirmar isso em pleno século XXI, todavia, não era assim no século XIX. Até mesmo hoje, em algumas culturas, existem restrições quanto a atividade fotográfica, resquício da velha ideia de que ela era algo mágico. Até então, eu havia tomado conhecimento disso somente através dos livros, mas enquanto revelava algumas imagens com os alunos e explicava um pouco mais da história daquela técnica, uma das alunas se aproximou. E ao ver a imagem

imersão do papel durante a lavagem, olha aquilo com nítida atenção, e com uma expressão de espanto, faz a seguinte afirmação: “Bah, isso é meio demoníaco!” Realmente, parece que alguns conceitos permanecem no inconsciente das pessoas por mais que o tempo passe. A diferença entre apertar o obturador e ver instantaneamente a imagem, ter que preparar um papel, expô-lo a luz, lavá-lo e ver a imagem surgir, causa um impacto muito forte, pois não é algo que os adolescentes estão preparados. Este choque é positivo quando vem acompanhado da informação, como foi o caso da aluna acima. Eles certamente não irão parar de tirar “selfies” em frente a espelhos, de comida ou qualquer outra coisa para postar no Facebook e Instagram, mas creio que pensarão mais a respeito na hora de tirar a próxima foto.

Tanto os alunos do sexto ano quanto os das oitavas séries insistiram para que a experiência fosse refeita. No caso do sexto ano, alguns problemas com relação a materiais foram resolvidos, porque eles trocaram materiais entre si. Mas com os alunos das oitavas séries a situação foi um pouco mais complicada, pois com exceção de uns quatro alunos, não houve quem se empenhasse em trazer o material, e usando as folhas finas e inapropriadas dos cadernos de desenhos, eles puderam perceber, na prática, que isso faz muita diferença. Essa foi a razão principal pela qual eles desejavam repetir a experiência. Pretendiam ser bem sucedidos em uma próxima ocasião. Aqui a questão não era clicar-ver-gostar/não gostar. Era tentativa e erro. Se não houvesse sucesso uma vez, repetia-se até que se alcançasse algum resultado satisfatório. Este momento proporcionou aos alunos a vivência do erro. Um elemento muito importante no campo da arte. Desta forma, eles puderam acompanhar o desenvolvimento do processo, e as dificuldades que podemos encontrar no caminho. Como o fracasso é uma constante em qualquer atividade artística, enfrentá-lo e superá-lo, foi um componente importante do aprendizado. Houve alunos que ficaram tão imersos na atividade, que ficaram na escola até o último instante que podiam para realizar o trabalho e poder levar para casa.



Imagem 16 – Alunos da oitava série trabalhando autonomamente;

A fotografia analógica possui uma plasticidade própria, cria uma relação de intimidade com os indivíduos que produzem as imagens, muito maior do que a fotografia digital. Pois perdeu em um mar de bilhões de imagens diárias, que pouco significam para quem as captura. O olhar se perde na imensidão de imagens que circulam pela grande rede, e, as crianças e adolescentes, já começam a nascer acostumadas com isso tudo. Com a evolução tecnológica, que suprime todos os dias, coisas que semana após semana se tornam obsoletas, o espírito crítico diante das imagens é suprimido e desaparece. O que acontece quando vamos ao rumo oposto a essa tendência, aparentemente interrompendo um processo que não pode parar? Um choque inevitável com certeza. No olhar de estranheza e dúvida há também muita curiosidade. Foi o que pude observar no decorrer dos trabalhos com cianotipia. Porém, por haver uma relação física muito mais tátil, ela não fica isenta de alguns problemas. Depois de passar as devidas instruções acerca do que iríamos fazer peguei os químicos necessários e chamei

os alunos para mais perto para que vissem como se sensibilizava o papel. Em momento algum deixei que trabalhassem diretamente com os químicos para evitar qualquer reação adversa. Mesmo não sendo tóxicos, é preciso haver certa precaução quando se vai fazer uma atividade dessas. Contudo, mesmo com todo o cuidado que tive, uma das alunas não se sentiu bem quando sentiu o cheiro dos químicos. Não foi nada muito grave, pedi para que ela se afastasse, lavasse o rosto e participasse da atividade apenas registrando-a com algumas fotos. Isso foi o suficiente para me manter alerta durante as próximas vezes em que fosse trabalhar essa técnica com os alunos. Mas também serviu de lição para eles mesmos, mostrando um pouco das dificuldades que os primeiros fotógrafos poderiam enfrentar naquela época. Novamente, conhecer a história por trás daquilo tudo foi fundamental para que compreendessem aquilo que estavam fazendo naquele momento.



Imagem 17 – Aluna fazendo o uso de objetos pessoais durante a experiência;

Por conta de uma semana de tempo pouco instável, a experiência com a cianotipia não foi tão proveitosa quanto poderia ser. No fim das contas, eles realmente não teriam uma compreensão mais sólida. Portanto, atendendo ao pedido, ela foi realizada

novamente na semana seguinte. Os erros anteriores foram suficientes para aprender como proceder corretamente dessa vez. Por sorte a professora responsável possuía alguns papéis que estavam sobrando e, que eram bem mais consistentes que os utilizados nas aulas anteriores, facilitando assim o trabalho. No entanto, os alunos estavam tão interessados em realizar a tarefa e, haviam compreendido tão bem a proposta, que não foi preciso dar mais nenhuma orientação. Um deles até se prontificou em preparar as vasilhas que serviriam para revelar as imagens. A maioria deles não trouxe um negativo, mas como ele não é estritamente necessário, foram utilizados objetos que eles mesmo trouxeram de casa, brinquedos e até mesmo pedras e plantas.



Imagem 18 – Trabalhos de alunos do sexto ano em processo de exposição;

Os alunos do sexto ano, conhecidos por serem os mais inquietos, foram os que mais demonstraram ordem e disciplina. Não tive que intervir em praticamente nada, apenas sensibilizei o papel e orientei para que o levassem com a face sensibilizada para baixo, para que não pegasse luz até que colocassem algum objeto por cima. O restante foi por conta deles: tempo de exposição, lavagem e secagem. Conforme os trabalhos ficavam prontos, eram colocados em uma grade da janela do refeitório e quem passasse

por ali poderia ver, de perto, o que estava sendo feito.



Imagem 19 – Trabalhos de alunos do sexto ano já concluídos e expostos na grade do refeitório;

Com os alunos das oitavas séries o resultado foi semelhante. Todos, também, bastante autônomos e bem acostumados com o processo. O único inconveniente foi ter que lidar com a falta de materiais no último dia de experiência com uma turma da oitava série. Por sorte, eu tinha em mãos algumas folhas de papel fotográfico vencido, que ainda possuía propriedades fotosensíveis, pois assim trabalhei a cianotipia apenas com os alunos que ainda não haviam experimentado. No entanto, deixei as folhas com aqueles que já haviam participado na aula anterior. O papel fotográfico gerou entre eles certa curiosidade, pois nunca haviam entrado em contato com aquele tipo de material fotosensível. Expliquei que era com aquele tipo de papel que se revelavam fotografias, antigamente, nos laboratórios. Enquanto eu falava eles expunham os papéis à luz, com diversos elementos por cima e, até mesmo, com as próprias mãos. Outros, entretanto, fizeram recortes formando padrões. Quando a folha escurecia, eles podiam instantaneamente ver a imagem formada, sem que fosse preciso qualquer tipo de revelação, mas havia um pequeno inconveniente que não demorou a ser notado pelos alunos: a folha escurecia e a imagem obtida era completamente perdida. Eles ficaram

decepcionados e me perguntaram por que aquilo acontecia. Expliquei que era necessário um químico fixador que não dispunha naquele momento.

Aos olhos deles, aquilo parecia mágica. Como uma folha de papel poderia sofrer aquelas mudanças pela simples exposição à luz? Eles ficaram pensando sobre o princípio fotosensível durante um tempo, fascinados com aquela simples reação química. Não era preciso explicar mais nada, pois todos chegaram a conclusão que queria que chegassem, pois por mais que o suporte e a tecnologia envolvida mude, o princípio fundamental da fotografia sempre será o mesmo: uma superfície sensível exposta a luz por determinado período de tempo. A grosso modo, era assim com Daguerre e permanece assim em qualquer câmera fotográfica digital ou *smartphone*. Apenas a reação química desaparece no digital. Depois de encerradas as atividades, a principal conquista alcançada foi perceber que eles refletiam sobre o assunto e, que realmente, todos os recursos que dispunham à mão eram infinitamente mais fáceis que qualquer tecnologia do passado e, que por trás das lentes e sensores eletrônicos, havia uma história muito grande de pesquisadores de diversas partes do mundo, que colaboraram para que a fotografia alcançasse o sucesso que é. E que os filtros do Instagram não surgiram do nada. Por trás deles há um passado químico e físico.

Até esse ponto, o estágio já havia chegado a metade e, apesar do sucesso anterior, era preciso avançar um pouco mais para consolidar o conhecimento dos alunos. Por conta disso, resolvi fazer um recuo estratégico e, ao menos por um tempo, não falar da fotografia propriamente dita. Mas refletir sobre o desejo humano em produzir imagens. Para tanto, voltei os olhares deles para a história da arte. Isso foi, particularmente, importante, pois também foi possível situar a fotografia dentro da história da representação. Depois de duas aulas de intenso trabalho manual, o ritmo foi diminuído para que pudessem organizar as ideias, pois mesmo que o surgimento da fotografia tenha contribuído para uma circulação de imagens tão grande, nos dias de hoje, ela obviamente não foi a primeira e nem será a única.

A história das imagens se confunde com a própria história da humanidade, pois desde tempos muito remotos ela esteve ligada a atividades de grande importância no cotidiano humano. A busca por registrar acontecimentos e o mundo como ele realmente é pode ser observada desde os tempos de nossos ancestrais nas cavernas. Ainda que não alcançasse um grau de desenvolvimento gráfico muito elevado, a essência da mensagem

estava ali. Contudo, os usos e funções não eram meramente decorativos ou ligados a ideais de liberdade de expressão. Tais imagens eram carregadas de um sentido ritualista e mágico. A evolução da arte correu a par da evolução humana e, conforme o homem desenvolvia ferramentas que facilitavam a vida cotidiana, surgiam também utensílios e materiais cada vez mais sofisticados para a produção artística. Curiosamente, por conta da função ritualística, as imagens quase sempre ficavam restritas a lugares reservados e afastados do grande público; onde somente um iniciado tinha acesso.

Perceber que nem sempre o mundo foi assim, é parte fundamental do processo de compreensão do mundo hoje. Foi com esse objetivo que pouco a pouco fui mostrando uma série de imagens da história da arte, sempre questionando os alunos, instigando-os a pensar no que imagens, aparentemente, sem relação tinham em comum. Durante um tempo, apenas o silêncio e a apatia foi a resposta. Era então necessário “chocá-los” para fazê-los pensar a respeito. Mas como? Tentei adentrar em seu universo. De repente, depois de ver uma série de imagens de arte rupestre, egípcia, grega e medieval eis que se deparam com ninguém menos que as “Tartarugas Ninjas”. Novamente o elemento inesperado foi fundamental para iniciar uma discussão. Afinal, que relação pode haver entre esse desenho animado e a história da arte? Mais especificamente, qual a relação dos quatro personagens principais com um período particularmente marcante? Eles conheciam bem aquela série, mas demoraram um pouco para responder. Contudo, logo pude ouvir: “Eles têm o nome de quatro pintores famosos do Renascimento!” A partir daí, continuei com a aula, mostrando imagens de obras datadas até o século XIX e parei novamente, para questioná-los. Afinal, o que aquelas imagens de todos aqueles períodos, de tantos lugares e origens diferentes tinham em comum? Todas elas tentavam mostrar o que havia afirmado antes: o ser humano em todas as épocas sempre buscou alguma forma de retratar o mundo à sua volta. O que seria arte ou não era outra história. Em determinados momentos históricos, mostrei que, a forma idealizada era mais valorizada em detrimento da representação naturalista. Todavia, sempre foi preciso certa dose de fidedignidade nas imagens, objetivo que permeou a produção artística ocidental. Até que surgiu a fotografia, colocando o mundo das artes em interrogação quanto a questão do realismo. Afinal, por que pintar um retrato extremamente fidegingo, se a fotografia já cumpria esse papel em um espaço de tempo menor e a preços bem mais acessíveis?

A invenção, que foi um marco na história da arte, foi também, fundamental para que

a arte se abrisse a novas possibilidades e questionamentos. Concordando com Walter Benjamin, penso que a história da arte pode ser dividida entre antes e depois da invenção da fotografia, sem qualquer sombra de dúvida. Afinal, houve depois de sua invenção uma quebra de paradigmas. Séculos de avanços na criação e descobertas de novos materiais tornaram cada vez mais sofisticadas estavam e agora em xeque. “O que fazer se, agora, a nossa arte foi substituída por outra técnica, que cumpre com muito mais exatidão nosso antigo papel?” Imagino essa pergunta rondando pela mente dos artistas do século XIX, em especial os pintores, que há séculos eram sempre requisitados na hora de fazer algum retrato e, que agora, viam seu ofício em risco. Muitos pintores realmente migraram para a fotografia, outros, no entanto seguiram com a pintura, mas questionando quais seriam as novas funções de seus trabalhos, daquele momento em diante. Tais indagações lançaram as bases do que mais tarde seria conhecido como arte moderna.

Por que motivo isso teve de ser tratado com os alunos, se desde o começo o assunto era fundamentalmente a fotografia? Em primeiro lugar, pelo fato de a fotografia possuir uma história que causou forte repercussão dentro de outra história maior. Em segundo lugar, para mostrar que a fotografia é muito mais do que a simples captura de imagens. Afinal, tanta polêmica envolvendo sua descoberta no século XIX iria cedo ou tarde lançar a seguinte dúvida: seria a fotografia uma forma de arte? Houve, a princípio, muita resistência em considerar a fotografia como uma linguagem artística autônoma, mas com o tempo ela ganhou seu espaço.

No entanto, apenas mostrar imagens não parecia ser o suficiente para que os alunos compreendessem a importância que a fotografia teve dentro da história da arte e, por ter mostrado imagens que iam até no máximo o século XIX, havia entre eles ainda alguma ideia confusa. Eu não poderia tratar de uma história tão abrangente apenas mostrando exemplos que iam somente até aí. Era preciso avançar em direção a era moderna e contemporânea, para mostrar a repercussão da fotografia no trabalho dos artistas e dos movimentos que surgiram posteriormente. A tarefa de fazer alunos, inquietos, pararem para refletir foi árdua. Contudo, esse desafio desencadeou a ideia de montar um vídeo com as imagens, de forma que elas passassem em sequência cronológica, para que eles acompanhassem as mudanças que foram acontecendo ao longo do tempo. No entanto eu sabia que seria difícil levar ao fim essa ideia sem que a aula parecesse monótona, e fazê-los prestar a atenção era um desafio que após algum

tempo consegui superar, colocando um elemento surpresa que não tinha nada a ver com aquilo tudo, mas que serviria de isca para mantê-los atentos: a música tema de um conhecido jogo de video-game. Com o vídeo pronto, o exibi, fazendo o seguinte desafio: descobrir a que jogo pertencia àquela música tema. Obviamente não era esse o meu objetivo principal, mas distraíndo a atenção em um ponto e lançando-a em outro, inconscientemente, pude fazer com que eles prestassem atenção, justamente, naquilo que queria: as transformações da arte ao longo dos séculos. As imagens que observavam iam de Lascaux a Andy Warhol, mas, intencionalmente, não fiz nenhuma menção direta a fotografia, a grande maioria eram imagens de pinturas e algumas poucas esculturas. A estrutura do vídeo era basicamente a seguinte: período/estilo; época/data; imagens; sempre em ordem progressiva. Ao fim do vídeo, fiz a mesma pergunta que já havia feito outras vezes em aulas anteriores: O que todas aquelas imagens tinham em comum? “O desejo de retratar o mundo”. Respondeu um aluno. Só que aqui havia um elemento complicador, pois eles perceberam que a arte começou de um jeito, evoluiu, mas chegou aos nossos dias muito diferente do que era há, aproximadamente, 160 anos. Algo aconteceu nessa história, mudando o seu curso completamente. Mas o que mudou? Mudanças na sociedade? Transformações na cultura? Invenções? Sim, tudo isso aconteceu e todas foram muito importantes, mas nada teria sido mais significativo na mudança de curso da história da arte do que a descoberta da fotografia.

Com este paradigma em mente, os alunos passaram a refletir muito mais sobre o que era a fotografia e, qual a sua importância para o mundo da representação. Nesse ponto, sem dúvida, a ideia do “click inconsciente” já havia sido superada. Este conceito não é novo, conforme a professora Sandra Rey salientou durante a qualificação deste projeto. Vem do conceito de “inconsciente tecnológico” trabalhado por Walter Benjamin em “A pequena história da fotografia”, que discorre acerca do fato de haver um olhar inconsciente advindo da câmera. Era o momento de explorar a fotografia com os olhos voltados para suas potencialidades, enquanto expressão artística autônoma, no mesmo nível que qualquer outra área das artes visuais, seja a pintura, desenho, escultura, etc. Mas antes disso, aproveitando ainda a ideia do vídeo, sugeri a seguinte atividade: montar uma linha do tempo com cinco movimentos/estilos artísticos antes da fotografia e cinco posteriores a ela. Assim, o conteúdo abordado poderia ficar mais claro, uma vez que eles mesmos poderiam escolher os períodos em que considerassem mais convenientes.

Planificando isso em um papel, haveria mais facilidade em recordar o conteúdo e assimilá-lo.

Decorridas essas atividades, ainda houve algumas poucas aulas, que utilizei para mostrar, especificamente, o uso da fotografia na arte antiga e contemporânea, lançando nomes que fizeram história utilizando essa linguagem, algo que despertou a atenção dos alunos, pois até então, estavam acostumados com a figura do pintor e seu quadro, não imaginando que a fotografia também fosse uma linguagem tão rica.

Conclusão

Pouco antes das atividades do estágio iniciar, eu andava inquieto quanto ao conteúdo a abordar com os alunos. Eram três turmas divididas entre um sexto ano e duas oitavas séries, idades diferentes e comportamentos completamente opostos. Foi então que comecei a pensar em algo que poderia uni-los, partindo de um planejamento de aulas comum para todos e, que pudesse ser vivenciado como experiência no campo da arte. Depois de algum tempo, cheguei à conclusão que seria muito interessante abordar a questão da fotografia e a massificação de imagens no mundo atual, pois comecei a observar a atual geração de adolescentes e notei que há entre eles certo gosto pela fotografia. Porém há desconhecimento do que ela é, do que significa ou de sua história. Todos são muito ávidos por tecnologia, sempre ligados às redes sociais, registrando e compartilhando momentos e ideias através da fotografia, mas desconhecendo o que há por trás dela, suas origens e evolução, fazendo com que esses registros não passassem de “clicks inconscientes”.

Com isso em mente, havia então encontrado um problema, cabia agora resolvê-lo e, para isso, elaborei um plano de ensino que compreendesse história, teoria e principalmente prática. Curiosamente, eu também iria tratar de forma mais enfática a questão da massificação de imagens no mundo contemporâneo. Mas nem tudo saiu como o imaginado. Por diversas vezes tive que rever o plano de ensino, que na verdade serviu mais como um guia, por conta das diversas alterações que foram feitas ao longo do estágio, pelas mais diversas razões: clima, cancelamento de aula, provas, enfim, circunstâncias que serviram de teste para que eu tivesse certeza de que o conteúdo era

relevante, útil e que não ficasse restrito ao espaço escolar e, claro, fornecesse materiais suficientes para a elaboração deste presente trabalho.

Muitos imprevistos aconteceram ao longo desse percurso. Sem sombra de dúvida o estágio foi uma das melhores experiências que pude vivenciar dentro destes anos de universidade. Nele pude sentir a pressão, e ter noção de como é ser professor, uma das mais nobres profissões que existem, mas que infelizmente não é tão valorizada o quanto deveria. Ver os bons resultados alcançados pelos alunos causa uma enorme satisfação. Porém, mesmo que esses resultados nem sempre sejam satisfatórios, se deparar com o erro é uma experiência importante, pois faz parte do gesto artístico. É a instância propulsora que o faz mover. Vivenciar erros e acertos com os alunos, por meio de experiências, experimentar, lidar com a instabilidade, questionar e desafiar o olhar, é mais gratificante do que meramente ver os resultados. Da mesma forma, ver que aquilo que vivenciaram em sala de aula não ficou restrito ao ambiente escolar, é também animador. Com certeza, saber que, poderão se lembrar do trabalho realizado, quando cada um deles for fazer uma fotografia, é o mais importante. Pois, cada vez que pegarem uma câmera, seu olhar será diferente, e o “*click*” não mais inconsciente. Sendo assim, concluo este trabalho com a sensação de objetivo alcançado, mesmo com algumas dificuldades em certos momentos, que serviram de teste para consolidar mais este aprendizado.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CARTIER-BRESSON, Henri. The decisive moment. New York: Verve and Simon and Schuster, 1952.
- CASTELLO-BRANCO, Patrícia Silveirinha. As linguagens visuais em tempos de convergência tecnológica: A visualidade háptica na televisão contemporânea. São Paulo. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v.32, n.2, p. 15-37, jul./dez. 2009.
- CUNHA, Eduardo Vieira. Um pequeno livro ilustrado contra um gigante digital. Disponível em: <<http://www.editoraprojeto.com.br/um-pequeno-livro-ilustrado-contra-um-gigante-digital-2/>> Acesso em 07 de Julho de 2014.
- FABRIS, Annateresa. Fotografia: usos e funções no século XIX. 2ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- KOSSOY, Boris. Fotografia e História. 2ª Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- MARTINS, Nelson. Fotografia: da analógica à digital. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2010.
- MORA-ANDA, Eduardo. História dos Ideais. Trad. de Anderson Braga Horta. Brasília: Thesaurus, 2006.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Artigo: Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. Psicologia: Teoria e pesquisa. Mai-Ago 2002, Vol. 18 n. 2, pp. 193-202. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- SAMAIN, Etienne (org). O Fotográfico. 2ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac São Paulo, 2005.

Anexo

Plano de ensino utilizado no estágio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Artes – Licenciatura em Artes Visuais
Planos de aulas – Estágio I

Johny Felipe Pimentel Vieira

Contexto:

A Escola Estadual Olinto de Oliveira, localizada no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre, possui apenas o ensino fundamental e há apenas uma professora para todas as turmas. As aulas duram cerca de 50 minutos e não há sala específica para artes. A escola é limpa e bem organizada.

Aparentemente, não há um planejamento rigoroso de aula e, trabalhos livres, costumam ser bastante comuns. Quanto aos materiais usados pelos alunos, são sempre os mesmos: lápis, borracha, caneta hidrocor, etc.

Os alunos são simpáticos, embora agitados a maior parte do tempo. Um ou outro esquece os materiais solicitados, mas não chega a ser um problema. Aparentemente, não há grandes disparidades sociais.

Público:

São alunos entre 11 e 15 anos de idade, sendo que os mais novos são do 6º ano e os mais velhos da 8ª série. Os alunos do 6º ano além de serem mais novos são mais agitados, entre eles existem aqueles que fazem demasiados trabalhos e outros que quase não fazem nada, quando estão trabalhando costumam ficar mais calmos. Trabalhos com um viés mais prático são mais indicados para eles, pois isso os acalma, teoria não lhes parece ser o forte.

Na 8ª série a situação é um pouco diferente, eles até bagunçam e ficam agitados, mas trabalham bem mais que os pequenos, além disso, estão mais propensos a discussões teóricas. Uma característica peculiar da 8ª série, é que nela os alunos costumam reunir-se em grupos mais do que os pequenos.

Objetivo geral:

O objetivo geral é mostrar para ambas as turmas como a fotografia surgiu e como ela chegou até nós, tratando também da massificação das imagens e da forma como isso afeta a nossa percepção do mundo.

Conteúdo:

- A história da fotografia;
- A formação das imagens;
- A composição fotográfica;
- Relação entre fotografia e arte;
- Processos antigos em fotografia;

Tempo:

A proposta será desenvolvida no decorrer de dez semanas para cada turma.

Justificativa:

Pretendo trabalhar isso com os alunos, pois vejo que há entre eles gosto pela fotografia e muita interação nas redes sociais, porém pouca, ou quase nenhuma, consciência sobre o que fazem. Tudo se resume em um “click” impensado.

Referencial teórico:

A fotografia é um estrondoso sucesso, disso não há dúvida, porém tal sucesso, responsável por dar a ela um lugar de prestígio, em nosso século, não estaria de alguma forma sufocando-a? Todas as tecnologias que dispomos em mãos fazem com que não sejamos apenas produtores, mas também difusores de conteúdo. As redes sociais são um exemplo claro de como indivíduos anônimos podem expor imagens diante dos olhos de todo o mundo. Isso nos coloca em uma posição de duplicidade, de um lado somos os receptores e alvo das imagens, do outro somos os produtores e os principais responsáveis pela sua massificação. Isso ainda gera outro problema, pois com tantas imagens ao nosso redor não estaria a nossa percepção de mundo sendo transformada? Sim, ela está, principalmente, se levarmos em conta a nossa relação com as imagens de hoje, elas são tão diferentes do passado. Antes do advento da fotografia digital, a relação entre indivíduo e imagem, bem como indivíduo e mundo, era bem diferente, tudo era muito mais palpável, tátil, sensível. Se há uma geração que pode ser apontada como a principal atingida pela massificação das imagens, essa geração é a que nasceu a partir do século XXI, não que as anteriores não sejam atingidas, o são, mas não na mesma proporção que as crianças de hoje, nascidas com um pé no mundo digital. Assim como qualquer um de nós, elas são produtoras de conteúdo, porém são inconscientes disso. Sabem como ninguém produzir e deixar uma imagem “bonita” para postar nas redes sociais, mas não tem noção do que existe por trás desse ato, de como dezenas de pesquisadores ao longo de décadas tornaram possível produzir imagens com aparelhos que cabem na palma da mão, muito diferente do que era preciso para alcançar resultados semelhantes no século XIX. Essas gerações, principalmente adolescentes, já nascem acostumadas com aquilo que muitos de nós ainda sentimos falta.

Metodologia:

As aulas serão intercaladas entre teoria e prática para as duas turmas, sendo que uma reforçará o que é visto na outra.

Público alvo:

Alunos de 11 a 15 anos do 6º ano e da 8ª série.

Aula 1 - Como a fotografia surgiu (parte 1)

Objetivo: Mostrar aos alunos um pouco da história da fotografia e do contexto histórico, que culminou em seu desenvolvimento.

Conteúdo: História da fotografia.

Tempo: 50 minutos

Desenvolvimento:

- Iniciar com um vídeo* sobre a história da fotografia.
- Falar da história da fotografia através do uso de imagens*.
- Discutir sobre a forma como a fotografia era feita antigamente e como ela é hoje.
- Mostrar aos alunos a formação das imagens com a luz através de uma câmara escura.

Materiais: Projetor multimídia e computador.

Avaliação: Participação e envolvimento com a atividade.

Aula 2 – Como a fotografia surgiu (parte 2)

Objetivo: Dar continuidade ao conteúdo apresentado na aula anterior e concluí-lo.

Conteúdo: História da fotografia.

Tempo: 50 minutos.

Desenvolvimento:

- Demonstrar como a imagem era formada pelos primeiros fotógrafos.
- Breve atividade de cianotipia, processo pré-industrial onde a imagem fotográfica era formada através da foto sensibilização de uma folha de papel utilizando um negativo em igual tamanho.

Materiais: Projetor multimídia, computador, papéis, imagens em transparência e químicos para foto sensibilização.

Avaliação: Participação e envolvimento com a atividade.

Aula 3 – A composição fotográfica 1 – Luz sombra e texturas

Objetivo: Discorrer sobre as regras básicas de composição e como as imagens combinam-se para formá-las.

Conteúdo: Composição fotográfica.

Tempo: 50 minutos.

Desenvolvimento:

- Mostrar imagens de Henri-Cartier Bresson e fotógrafos da agência Magnum.
- Mostrar imagens de autoria própria.
- Levar os alunos para o pátio e fotografar juntamente com eles explicando o que eles viram na teoria em sala.

- Propor que eles façam uma *selfie* com três ou mais pessoas respeitando a regra dos terços.

Materiais: Projetor multimídia, computador, celular e/ou máquina de fotografar.

Avaliação: Participação e envolvimento com a atividade. As imagens produzidas em aula deverão ser postadas no Flickr.

Aula 4 – A composição fotográfica 2 – Cores e padrões

Objetivo: Mostrar como as cores e os padrões vistos no mundo, ao nosso redor, podem formar imagens e tornarem-se temas interessantes à fotografia.

Conteúdo: Composição fotográfica

Tempo: 50 minutos.

Desenvolvimento:

- Explicação sobre cores na fotografia.
- Saída ao pátio para fotografar.
- Pedir que eles produzam imagens, que, além de respeitar a regra dos terços, contenham elementos vistos em aulas anteriores como cores primárias, secundárias, análogas, etc.

Materiais: Projetor multimídia, computador, celular e/ou máquina de fotografar.

Avaliação: Participação e envolvimento com a atividade. As imagens que produzidas em aula deverão ser postadas no Flickr.

Aula 5 – A composição fotográfica 3 – Olhar e enquadramento

Objetivo: Mostrar aos alunos como mudanças de ponto de vista podem alterar o sentido de uma imagem.

Conteúdo: Composição fotográfica.

Tempo: 50 minutos.

Desenvolvimento:

- Demonstrar através de imagens o que é uma mudança de perspectiva.
- Sair para o pátio e demonstra o que é uma mudança de perspectiva.
- Sugerir a escolha de um assunto e pedir que façam três ou mais imagens do mesmo.

Materiais: Projetor multimídia, computador, celular e/ou máquina de fotografar.

Avaliação: Participação e envolvimento com a atividade. As imagens que produzidas em aula deverão ser postadas no Flickr.

Aula 6 – A fotografia na arte 1

Objetivo: Mostrar aos alunos como a fotografia esteve inserida dentro da história da arte no século XIX.

Conteúdo: Fotografia e artes visuais.

Tempo: 50 minutos

Desenvolvimento:

- Mostrar como os artistas trabalhavam com a fotografia no século XIX

- Comparar imagens de artistas desse período com semelhantes contemporâneos.
- Discutir sobre as imagens apresentadas.

Materiais: Projetor multimídia e computador.

Avaliação: Participação e envolvimento com a atividade.

Aula 7 – A fotografia na arte 2

Objetivo: Mostrar aos alunos como a fotografia esteve inserida dentro da história da arte desde o início do século XX até as décadas de 60/70.

Conteúdo: Fotografia e artes visuais.

Tempo: 50 minutos

Desenvolvimento:

- Mostrar como os artistas trabalhavam com a fotografia no início do século XX até as décadas de 60/70.
- Comparar imagens de artistas desse período com semelhantes contemporâneos.
- Discutir sobre as imagens apresentadas.

Materiais: Projetor multimídia e computador.

Avaliação: Participação e envolvimento com a atividade.

Aula 8 – A fotografia na arte 3

Objetivo: Mostrar aos alunos como a fotografia esteve inserida dentro da história da arte desde as décadas de 60/70 até os dias de hoje.

Conteúdo: Fotografia e artes visuais.

Tempo: 50 minutos

Desenvolvimento:

- Mostrar como os artistas vêm trabalhando a fotografia desde as décadas de 60/70 até os dias de hoje.
- Discutir sobre as imagens apresentadas.
- Escolha de imagens que eles mesmos produziram e pedir que imprimam em transparência para serem usadas na aula seguinte.

Materiais: Projetor multimídia e computador.

Avaliação: Participação e envolvimento com a atividade.

Aula 9 – Cianotipia

Objetivo: Aprofundar o conhecimento em cianotipia apresentado na aula 2

Conteúdo: Cianotipia, fotografia pré-industrial.

Tempo: 50 minutos.

Desenvolvimento:

- Explicar o procedimento de revelação em sala
- Levar os alunos para fora da sala e revelar as imagens.

Materiais: Imagens em transparência, papéis e químicos para foto sensibilização.

Avaliação: Participação e envolvimento com a atividade.

Aula 10 – Encerramento

Objetivo: Expor os trabalhos dos alunos e discutir sobre os mesmos.

Conteúdo: Cianotipia, fotografia pré-industrial.

Tempo: 50 minutos

Desenvolvimento:

- Solicitar que cada um fale um pouco do trabalho desenvolvido.
- Expor do lado de fora da sala de aula os trabalhos da aula anterior.
- Debater possíveis erros e acertos ao longo das dez aulas.

Materiais: Trabalhos feitos anteriormente.

Avaliação: Participação e envolvimento.

Avaliação: Pretendo apontar o comportamento dos alunos e suas respostas, em relação às propostas apresentadas, para que ao fim possa realmente ver se houve uma melhora na percepção sobre a fotografia e na maneira como eles veem o mundo.

Cronograma:

Semana 1

04/08/14 - Segunda-feira – 11:15hs

05/08/14 - Terça-feira – 7:40 e 10:25hs

08/08/14 - Sexta-feira – 11:15hs

Semana 2

11/08/14 - Segunda-feira – 11:15hs

12/08/14 - Terça-feira – 7:40 e 10:25hs

15/08/14 - Sexta-feira – 11:15hs

Semana 3

18/08/14 - Segunda-feira – 11:15hs

19/08/14 - Terça-feira – 7:40 e 10:25hs

22/08/14 - Sexta-feira – 11:15hs

Semana 4

25/08/14 - Segunda-feira – 11:15hs

26/08/14 - Terça-feira – 7:40 e 10:25hs

29/08/14 - Sexta-feira – 11:15hs

Semana 5

01/09/14 - Segunda-feira – 11:15hs

02/09/14 - Terça-feira – 7:40 e 10:25hs

05/09/14 - Sexta-feira – 11:15hs

Semana 6

08/09/14 - Segunda-feira – 11:15hs

09/09/14 - Terça-feira – 7:40 e 10:25hs

12/09/14 - Sexta-feira – 11:15hs

Semana 7

15/09/14 - Segunda-feira – 11:15hs

16/09/14 - Terça-feira – 7:40 e 10:25hs

19/09/14 - Sexta-feira – 11:15hs

Semana 8

22/09/14 - Segunda-feira – 11:15hs

23/09/14 - Terça-feira – 7:40 e 10:25hs

26/09/14 - Sexta-feira – 11:15hs

Semana 9

29/09/14 - Segunda-feira – 11:15hs

30/09/14 - Terça-feira – 7:40 e 10:25hs

03/10/14 - Sexta-feira – 11:15hs

Semana 10

06/10/14 - Segunda-feira – 11:15hs

07/10/14 - Terça-feira – 7:40 e 10:25hs

10/10/14 - Sexta-feira – 11:15hs